

## HOMENAGEM Á MEMORIA DE HENRIQUES NOGUEIRA



Foi uma manifestação imponente, que tanto honrou os seus iniciadores como os que a ella voluntariamente adheriram.

Não obstante a chuva agreste e pertinaz, cerca de quatro mil pessoas esperaram e assistiram no cemitério dos Prazeres a essa homenagem de consideração pela memoria d'um homem cujos principios democraticos foram tão vigorosos que ainda hoje vivem e florescem na associação a que legou o nome.



## A SEMANA

## Chronica theatral

A celebre farça *Reformas da Carta* continua a attrahir ao elegante theatrinho de S. Bento o grosso da população lisboeta, representando-se todos os dias com o geral aprazimento do espectador sisudo das galerias e com o applauso estridente da claqué das bancadas.

Depois do *Douctor Sovina* e do *Manoel Mendes Enxundia*, de saudosa e galhofeira memoria, ainda não vimos coisa melhor para espalhar as maguas e desopilar o figado; chega a valer mais uma simples audição da famosa farça, do que uma duzia de caixas das *pillulas suissas* de Pimentel & Quintans!...

(Explica-se até claramente porque ao consultorio do nosso amigo, dr. Bordallo Pinheiro, ao Chiado, teem nos ultimos quatro dias accudido apenas quarenta e sete pessoas atacadas de doenças do figado, em que elle é tão notavel especialista!)



É uma verdadeira peça de effeito, em todas as variadas significações d'esse vocabulo; como *peça* theatral, nos bons ditos, nos engraçados *couplets*, nos inesperados qui-proquos; como *peça* de fazenda, no bem urdido da estofa e na puresa do fio de lã, — sem referencia á cobertura nativa do rebanho parlamentar; — como *peça* de artilheria, nas explosões bombasticas a que os tribunos dão largas no fogo sagrado das convicções; e até como *peça* de entrudo na sinceridade jovial com que todos os partidos chegaram a um accordo para empulharem o paiz, substituindo-lhe a carta da monarchia por uma *carta carnavalesca* com illustrações coloridas — de duas vistas...

Bonita peça na verdade! pena é que a *diaria* saia toda da algibeira do povo, que nunca hade ver o *producto* de tantas recitas, apesar de se annunciar que a peça é a *beneficio* d'elle...

\*  
\*  
\*

Em *D. Maria* deu-se em primeira representação a comedia em verso *Flor dos Trigaes*, de Augusto de Lacerda, e o drama em prosa *Martha* de D. Guiomar Torrezão.

A nossa profissão de verzejador humoristico, d'esses que apenas sabem aproveitar as musas como torcidas de papel para as metter pelas narinas e passar ao de leve pelos sovacos da humanidade, não nos deixa emittir opinião sobre as estrophes bucolicas, sentimentaes, e por vezes graves, de que se forma a comedia de Augusto de Lacerda... Ou porque o barometro tivesse descido momentos antes de começar o espectáculo, ou porque a symphonia de abertura nos azedasse a comida no estomago, ou por outro qualquer phenomeno meteorologico ou intestinal, o certo é que a *Flor dos Trigaes* o que nos pareceu sobretudo foi uma coisa muito comprida. Tão comprida que quando no intervallo o nosso espirituoso collega Augusto Ribeiro nos veio pedir lume julgamos estar prestando

esse serviço ao senhor commandante das guardas municipaes... O nosso amigo porem desvaneceu-nos semelhante illusão accudindo logo com um gracioso dito:

— Este theatro de *D. Maria* vae-me parecendo uma Creche...



Em summa, a *Flor dos Trigaes*, em dozes homoeopathicas, poderia talvez parecer-nos um *forget me not*; como está, produz-nos o effeito d'uma grande papoila. Que, em todo o caso, uma ou outra, sempre são flores dos trigaes...

Do drama em 4 actos *Martha*, pouco podemos dizer porque saímos espavoridos e horrorizados logo ás primeiras scenas d'aquella peça a que a sua auctora chamou drama, mas que é, no fim de contas, a mais sanguinaria de todas as tragedias conhecidas.

Imaginem que o Augusto Rosa, com aquelle palminho de cara tão bonito, tem a coragem de entrar em scena declarando que *partiu* uma creança e que *voltou* um homem! Pobre creança e pobre homem! Felizmente a operação não foi realisada á vista do publico, senão imaginem que chiliques nos camarotes quando elle partisse a creança em postas e que cheiro na plateia quando elle voltasse o homem do avesso...

Como dissemos já, a orchestra azedára-nos a comida no estomago e não estivemos para assistir á repetição de semelhante barbaridade, se ao Augusto Rosa dêsse na cabeça continuar a fazer chouriços de sangue no palco de *D. Maria* e na presença de sua magestade que, de horrorizado, até assistiu ao espectáculo de oculos pretos!



Saímos á franceza e quando voltámos timidamente, d'ahi a muito tempo, pronunciava a actriz Virginia esta phrase de arrepiar os cabellos:

— Quando lhe morreu o pae e nós fomos dar-lhe os parabens!...

E então, hein? Era tragedia ou não era?...

Explicaram-n'os mais tarde que a formosa actriz fôra victima d'um *lapsus linguae* porque a phrase em questão está escripta d'esta fórma:

— Quando lhe morreu a sogra e nós fomos dar-lhe os parabens...

Sendo assim, não ha coisa mais natural.

PAN.



## NO PAIZ DO SYNDICATO



Quando eu entrei no Suisso já lá estava a gente do costume. Porque o Suisso, que tem uns grandes ares de café universal, bellos espelhos e ornamentações de sala d'armas, afinal não passa de um botequim pobre-diabo, muito ordeiro, onde não se joga o gamão por vergonha, mas onde imperam, tric-tric, as pedras do dominó.

De dia, o Suisso mette medo. O raro e arrojado portuense que alli se introduz á hora do desconto ou da missa — essas duas almas do Porto moderno, como mais tarde provaremos — avança a passos medidos, cautelosos, silenciosamente, até ao balcão, péde meio beef, engole, paga e foge. Á noite, apesar do seu ar pacato, elle tem uma phisionomia rutilante, sympathica, como um *interior* de familia; mas áquella hora, o Suisso deixa de ser um café para voltar a ser claustro do Convento dos Congregados, d'aquelles bons homens miguelinos que faziam brindes e davam gargalhadas, quando os liberaes se retorciam no laís da forca, como enguias suspensas pelo rabo. As paredes humidas, côr de rato, sem a alegria do gaz, tornam-se sinistras; os paineis armados parecem portas para corredores mysteriosos e os grandes papeis impressos, lançados a esmo pelo marmore das mezas cymetricas, similham as mortalhas dos senhores defuntos de opera lyrica poisadas nas lageas tumulares. Eu tenho um santo horror por toda aquella feição assustadora, feia, perfumada a evoluções de café requentado e a irradiações de genebra e cana. Varrido, escovado e limpo, parece um bom amigo preparado para ir deixar um cartão traçado a tinta preta sobre a banca dos peza-mes. Mas de noite a coisa, como dissemos, muda de figura. A brutalidade do gaz corre aos pontapés as sombras mysteriosas dos recantos. As côres dos *frescos* retinam como chilreadas de grilos, por essas campinas do estio, os jornaes desaparecem e o dominó — tric-tric — leva a melhor no honesto *vacarme* dos frequentadores, que se cumprimentam todos, como pessoas de familia que vão gastar ali alguns momentos antes da hora dos theatros. Quando eu cheguei, ante-hontem, já lá estava a gente do costume. O sr. Real da Alfandega abria a partida com o double-quadras e o dr. Miguel Maximo — sabem? o antigo heroe de Villa Nova de Famalicão que tanto deu que fazer aos progressistas bracaraenses? o deputado Miguel Maximo? — dentro dos seus colarinhos bordados, confessava que não tinha o naipe...

Na meza do pára-vento o Moutinho de Sousa contava coisas do Rossi e do Salvini, com toda a actualidade e com todo o entusiasmo, bem improprio de um homem gordo que toma chá, e o Augusto Gama, da *Parra*, e o Jayme Filinto da *Folha Nova*, e o Vasconcellos Perna de Pau, e o Alfredo Bastos, trovador popular, e o Cyriaco de Cardoso, e o Luiz Vianna, e o João Bartol, e o Augusto Albergaria, e o Eduardo Falcão, e o Emygdio d'Oliveira, e o Luiz Botelho, e o Francisco Carrilhas, e o Simas Machado, e o Correia, e o Candido, e o *aquelle — ó — tu — como — vaes?* formavam pequenos grupos cavaqueadores, occupando como de costume as primeiras mezas do lado da praça, que é a ala esquerda, alegre, turbulenta da ex-santissima mansão dos bons frades Congregados — você sabe? — aquelles bons homens miguelinos que faziam brindes e davam gargalhadas, quando os liberaes se retorciam no laís da forca, como enguias suspensas pelo rabo.

As duas mezas que se seguiam áquella do meu grupo eram occupadas, a primeira, por dois bellos rapazes da colonia allemã, muito hirtos, duros como se fossem amassados a pozzolana (ha *barros* de diferentes qualidades), de face vermelha e rapada como dois recrutas da landhwer, e a segunda, por um extranho, magro, de cabellos e hígode brancos, typo insinuante, que lançava vagamente um olhar limpo e curioso por toda aquella sociedade, certamente para elle nova.

Os dois rapazes conversavam animadamente, bebião cerveja e, como gente da casa, esgrimiam de quando em quando alguma interrogação para os outros grupos.

— Pois crê, meu caro, dizia um d'elles, assim como a intelligencia, o estudo, a philosophia, a força, a alta consideração que se dispensa aos fortes, passaram ha quatorze annos para Berlim, assim a natureza, Deus, vae abandonando igualmente a França, dando-lhe ainda lição maior. Os vinhateiros francezes estão, como elles dizem, *aux abois*. A França que ainda dominava o mundo pela excellencia dos seus vinhos, é actualmente o imperio do phylloxera e do baixo povo. São duas calamidades. A cerveja entra hoje a occupar o principal papel em todos os banquetes da aristocracia, e o vinho francez, essa limonada de mau gosto, está sendo expulso de todas as mezas que se prezam.

De resto, não desconheces a profunda influencia de tudo isto. Conheces a historia d'aquelle patusco que se fez arabe por comer tamaras. Pois o seculo futuro far-se-ha allemão para beber cerveja. Esta acção é mais energica, mais segura e mais lucrativa do que todas as viagens de Frederico, mais proveitosa e mais geral do que todas as combinações da alta diplomacia. Enquanto o vinho queima e embriaga, a cerveja refresca, robustece, tem uma grande influencia reparadora dos tecidos, e, assim como os Margaux, Château-Yquem, Montrachet, Clos-Vougeot, Chabertin e os Champagne levam em linha recta ás leituras licenciosas e á politica da anarchia, a cerveja, a loura filha do norte, é a base das theorias da ordem, da auctoridade e da sciencia. O vinho morreu! Viva a cerveja.

N'este momento, o bello velho sympathico que escutava attentamente esta apologia extravagante, bateu as palmas chamando um rapaz do serviço: — Traz-me uma garrafa de Bourgogne e o *Gil-Blas*.

JOÃO BRÔA.

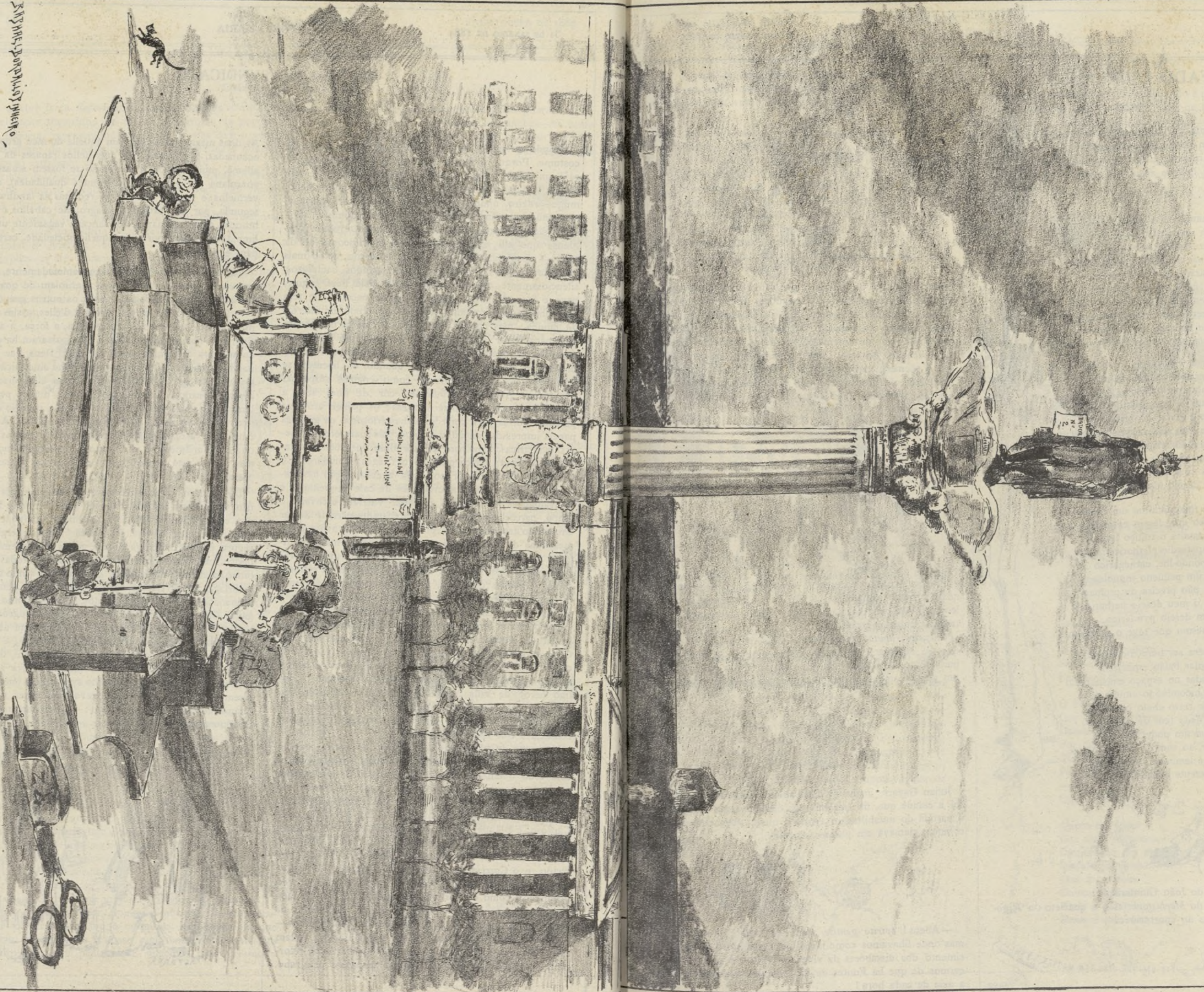
## DOIS SUJEITOS QUE TAMBEM PRETENDEM REFORMAR A CARTA





O ANTONIO MARIA

# RE-OUTORGA DA CARTA CONSTITUCIONAL



O sr. Fontes não reforma a carta; re-outorga-a; portanto, dêmos-lhe monumento. Mas, para aliar a apothecose e a economia, tiremos do alto do *castiçal* o Dador n.º 1, substituindo-o pelo Dador n.º 2.



## FADO ESDRUXULO

MOTE

Sinto um desejo estrambolico,  
Um desejo ultra-phrenetico...  
O mesmo que teve o theologo  
De Jazente abbade poetico.

GLOSA

Quando vejo alguns politicos  
Em manobras pouco praticos,  
Tão balofos, tão emphaticos  
Como em miólos rachiticos.  
Quizéra ser um dos criticos  
De furor mais diabolico;  
E em um estylo hyperbolico  
Dizer a este mundo espherico,  
Que no meu peito colerico  
Sinto um desejo estrambolico.

Não é erguer-me tyrannico  
Com soturna voz de magico,  
E agourar tudo que é tragico  
Matando a muitos de panico;  
Não é gritar do britanico  
Que tem sido o nosso emetico;  
Não é arrotar prophetico,  
Moral elevada ao gothico;  
Mas é, se não patriotico,  
Um desejo ultra-phrenetico.

Mas (pergunta-me um rhetorico)  
Então que desejo empyrico  
Te assalta o toitiço lyrico  
Estapafurdio-plethorico?»  
Respondo-lhe, cathgorico  
Em um pequeno monologo  
Que não precisa de prologo,  
Que o meu desejo barbarico  
É um desejo pyndarico...  
O mesmo que teve o theologo..

Quizéra ser bom mechanico.  
Arranjar balão espherico,  
E andar no espaço emispherico  
Sem incommodo emicranico;  
Sentir certo abalo organico,  
Que nada tem de pathetico;  
E com um poder athletico  
Fazer, ao som do meu saphico,  
O que lembrou ao seraphico.  
De Jazente abbade poetico.



Um bom dito do João Guimarães:  
— O quarteto do *Mephistopheles* é o quarteto do *Rigo-  
letto* com as notas ao contrario...

APONTADO: POR UM QUE NÃO TEM MASSA CEFALICA  
NENHUMA



Na noite de 6 de fevereiro proximo realisa-se no theatro Taborda uma recita por amadores distinctos, subindo á scena a conhecida opereta *Sinos de Corneville*. Foi Antonio Duarte o ensaiador da parte musical, e isso nos basta para que de antemão ajuizemos do primor relativo da execução. Antonio Duarte já conseguiu em tempo levar á scena, e esplendidamente, *Os Puritanos*, por uma sociedade de amadores, e não será por isso muito que consiga hoje fazer representar os *Sinos* por maneira irreprehensivel.



*Patrão*:—Então vocemecê escreve uma carta para o nosso primeiro fornecedor, e não lhe dá ao menos excellencia?! Ora vá reformar a carta quanto antes, que não tarda a fechar o correio...

*Caixeiro, muito atrapalhado*:—Mas como quer v. ex.<sup>a</sup> que eu reforme a carta em cinco minutos, quando um parlamento de sabios anda com ella ás voltas ha mais de um mez, e ainda não achou ponta por onde lhe pegue?...

ADDIU!..



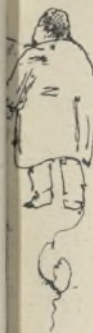
Julian Gayarre acaba de dizer adeus a Lisboa, ou antes, foi a cidade que, de lagrimas nos olhos, assistiu na gare á partida do notabilissimo artista a quem, acenando com o lenço, clamava em phrase soluçante:



— Adeus! *spirito gentile*, fonte de harmonias suavissimas onde libavamos como n'um Lethes delicioso o esquecimento dos dissabores da vida, ao ponto de nos esquecermos de que ha Fontes de fel e vinagre onde bebemos a azia de cada hora!



Ao almoço de despedida do illustre cantor assistiram alguns dos seus melhores amigos e sinceros admiradores, de cujas *toilettes* vamos fazer uma succinta descripção.



*Gayarre* — setim preto e brilhantes.  
*Valdez* — casimira e oiros.  
*Lima* — decotado e faille grenat no pescoço.  
*Silva Pereira* — moiré preto e coraes.  
*Carvalho* — seda lavrada, rubis, perolas, e mais joias.  
*Raio* — de tarlatana e polonaise gris.  
*Bordallo* — de phantasia, tule, sem joias.  
*Arbós* — mantilha e seda gris.  
*Rubio* — esclavina e saragoça.  
*Gorgon* — pastora andaluza; sarapintado de azul.



Ernesto Rossi lá vae nas pingadas de Gayarre; talvez no mesmo compartimento do wagon, talvez sobre a mesma almofada de onde Gayarre se levantou ha pouco estremunhado, ageita-se n'este momento Ernesto Rossi nos preambulos deliciosos do mais delicioso somninho maroto!

Ao toast do magestoso banquete artistico com que o celebre tragico nos empanturrrou durante a sua curta estada em Lisboa, offereceu-nos Ernesto Rossi o opiparo manjar de *Frei Luiz de Sousa*. Foi um prato em tudo digno do *serviço* que o precedera! Confessamos até ter sido esta a unica vez em que applaudimos phreneticamente um padre... Magnifico! Inimitavel! Estonteador!

Um abraço muito estreito ao nosso bom amigo e — já que isso é moda na sua terra — um beijo muito repenidado, para que elle vá enjoado toda a viagem, apesar de a fazer por terra.

Adiu!...



## SALÃO DA TRINDADE

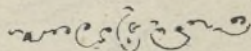
Foi em tudo verdadeiramente esplendido e digno de registrar-se o grande concerto ali realisado na tarde do ultimo domingo em beneficio de Eugenio Mazoni. A affluencia pouco vulgar de espectadores e o entusiasmo caloroso com que foram recebidos todos os trechos ali executados, dão uma ideia precisa da consideração que mereceram ao publico tanto os nomes dos executantes como a ideia humanitaria que presidiu áquella festa.



O trio em *ré bemol* de *Mendelsson* executado por Arbós, Rey Colaço e Rubio, pareceu-nos a ultima palavra do que a arte possa produzir!



D'aquí enviamos ainda um brava a todos esses distinctissimos artistas, incluindo em a nossa homenagem a illustre comissão iniciadora de tão extraordinaria festa.



## THEATRO DO GYMNASIO

### Festa artistica de Beatriz Rente

Na sexta feira,  
 Um de fev'reiro,  
 O mundo inteiro  
 Salta contente,  
 Pois no Gymnasio  
 — Ceus que bulicio —  
 Faz beneficio  
 Beatriz Rente!

Ó Beatriz,  
 Que os peitos vibras,  
 Dou-te dez libras  
 Por um logar,  
 Que á tua festa  
 Por força heide ir,  
 — Quero *frigir*,  
 Quero *rentar*!

Quero um logar  
 Dos mais pequenos,  
 Um mocho, ao menos,  
 Dos de palhinha!  
 Que á tua festa  
 Concorrer hade  
 Toda a cidade  
 Rente á beirinha!



PAN.



# THEATRO DE S. CARLOS

## Mephistopheles



Rapp é um *Mephistopheles* de taes dimensões que anda com os pés pelo inferno e a cabeça pelo ceu. Borghi, de *Margarida* e Borghi, de *Bella Helena*, são duas pessoas distintas e uma artista verdadeira. Ortisi é um *Fausto* que usa saltos de pião e que tem umas barbas brancas muito parecidas com as do sr. visconde de Gandarinha; se não fôra a voz, iríamos jurar que estava ali um digno par do reino.